

LUIS FERNANDO VERISSIMO

Sexo na Cabeça

Lisboa, Dom Quixote, 2004

Nascida com o jornal, a crónica fez do compromisso entre jornalismo e literatura um dos seus ingredientes fundamentais. Partindo quase sempre do imediato e do factual, a crónica envereda contudo por uma visão pessoal, subjectiva e impressionista, que pode acabar por assegurar alguma perenidade ao texto. Para retomar uma feliz expressão de Manuel António Pina, as crónicas serão filhas do tempo mas nem sempre filhas de Cronos: chamando a atenção do leitor para um acontecimento ou um tema à partida menor e propondo-lhe uma reflexão original, a crónica acaba por filtrar o tempo que passa, evitando assim a tendência para se converter em anacrónica. É isso que lhe permite, nos melhores casos, trocar com sucesso a precariedade do jornal pela 'perenidade' – e a dignidade – do livro. Estão nesse grupo as crónicas de Luis Fernando Verissimo, autor que o público português já conhecia das suas colaborações no *Público* e, mais recentemente no *Expresso*. Juntando o apreço da crítica ao sucesso junto dos leitores, Verissimo impôs-se como uma voz singular na crónica brasileira, tornando-se – com Rubem Braga – um dos poucos autores que ficarão para a história da literatura apenas (ou acima de tudo) como cronistas. Nos 35 anos de actividade na imprensa – estreou-se em 1969, com uma coluna diária no *Zero Hora* –, Luis Fernando Verissimo chegou a manter uma coluna diária em jornais tão importantes como *O Globo* ou *Jornal do Brasil*, e publicou cerca de quatro dezenas de antologias de crónicas, muitas das quais conheceram um extraordinário sucesso de vendas. É o caso, por exemplo, de *Comédias da Vida Privada*, que serviu de

base a uma excelente série da Globo com o mesmo título, também exibida em Portugal no início da década de '90. Outras crónicas de Verissimo têm aliás sido adaptadas para o cinema, o teatro e a banda desenhada. Mas a sua obra não se limita a esse género que muitos insistem em considerar menor: Verissimo é também cartunista e novelista (foram aliás editadas em Portugal duas das suas novelas, *O Clube dos Anjos* e *Borges e os Orangotangos Eternos*), para além de ter publicado um texto para teatro, um livro de poemas, várias obras de literatura infantil e guias de viagem. A juntar a tudo isto, Luis Fernando tem escrito para a televisão, sendo de destacar os quadros que criou para o programa *Planeta dos Homens*, protagonizado por João Soares. O traço que melhor define e distingue a crónica de Verissimo é o humor inteligente, que se vê na escolha dos temas, no ângulo oblíquo da abordagem, nos títulos ou no modo surpreendente de começar e de terminar os textos. Denotando uma extraordinária capacidade de observação e de análise, e uma erudição e verticalidade pouco comuns, o autor pratica uma ironia de alcance largo. Aproveitando do melhor modo a concisão estrutural característica da crónica, Verissimo opta geralmente por uma das duas formas que sempre a caracterizaram: o comentário ou a reflexão desprentensiva, e o esboço de um pequeno quadro ficcional (próximo do conto, mas de estrutura mais simples, que pode aliás valer-se apenas de diálogos). *Sexo na Cabeça* – que, na sua versão original, foi publicado em 1980 – é o quarto volume da série que a Editora Objetiva, do Rio de Janeiro, começou em 2000 e

através da qual pretende relançar toda a obra cronística do autor gaúcho, em edições actualizadas e revistas. Formada por 47 crónicas, várias delas recentes, esta antologia evidencia bem a mestria de Verissimo no género. O primeiro texto – que empresta o título ao livro – explica a orientação dominante: numa narrativa em 1.ª pessoa, que recorre a espaços a um delicioso tom bíblico («Tínhamos inventado o sexo e vimos que era bom», p. 11), o autor recria a origem da vida (e do sexo) e dá conta das suas metamorfoses, sugerindo as consequências do facto de Deus não ter atendido ao pedido do homem para deixar o sexo fora da cabeça: «E vimos que era complicado. Nunca reparámos na nossa nudez e de repente não se falava em outra coisa. Você [a mulher] cobriu seu corpo com folhas e eu [o homem] construí várias civilizações para esconder o meu.» (p. 12). De facto, os problemas que decorrem do *sexo fora da cabeça* – na aceção larga do relacionamento entre homem e mulher – são um dos temas dominantes da antologia. Alguns dos motivos explorados são obrigatórios, mas a sua abordagem está longe de ser previsível. Veja-se o caso da infidelidade, que aparece, por exemplo, em «A cláusula do elevador» (um contrato pré-nupcial entre dois advogados, que prevê uma desigual cláusula a admitir a infidelidade no caso de um dos elementos do casal ficar fechado no elevador com ícones do sexo oposto). Ou o motivo das relações de poder no casamento, que serve de base a «Conselho de mãe», uma ilustração da máxima «Quem domina o controle remoto da televisão, domina o casamento.» (p. 132). No âmbito do sexo propriamente

dito, há também motivos previsíveis, mas cuja abordagem se reveste sempre de uma surpreendente originalidade. É o caso da impotência, que aparece na ficção anedótica de «Fase 4» (uma ida ao Tratamento de Emergências Sexuais Assinérgicas e Orgânicas, TESAÓ, termina na fase 4, com a convocação mágica do espírito dos mortos), ou do namoro, presente em «Emoção» (história da relação entre Débora, que tem 19 anos e faz sensação na praia com seu corpão que o biquíni só tapa aqui e alizinho», p. 87, e Pio, «que recebeu esse nome da mãe religiosa, mas o desmente desde os 13» e que, chegado o tão esperado momento, chora convulsivamente de emoção). Inesperado é o motivo que domina «Nádegas redolentes» – o desejo suscitado pela mulher no momento em que acorda: «Não era só os cheiros. Ela acordava fisicamente diferente. A cara maravilhosamente inchada, a boca intumescida, como a de certas meninas do Renoir. No resto do dia ia alongando-se, modiglianizando-se, mas de manhã era uma camponesa completa, com fantásticas olheiras roxas.» (p. 15). Outro modo usado por Luís Fernando Veríssimo para a abordagem dos problemas que decorrem do *sexo fora da cabeça* é o do comentário ou da reflexão desprendida e despretenhosa sobre aspectos da sociedade contemporânea. É nesta linha que se situam as melhores – e mais estimulantes – crônicas da antologia. Começemos por ver três exemplos centrados num tema mais geral: a superioridade das mulheres. Em «A angústia das savanas», Veríssimo sustenta com argúcia e humor a tese de que o começo da civilização se deveu à «angústia do pênis exposto»: «Toda a nossa cultura misógina vem do pavor da mulher que quer retomar seu poder pré-histórico e, não sendo nem prostituta nem nossa santa mãe, nos tirar as calças.» (pp.

19-20). «Eva» e «Primatas», apresentam a mesma tese, assim formulada na frase de abertura da primeira: «Na velha questão sobre a origem da humanidade, eu defendo o meio termo. Um empate entre Darwin e Deus. Aceito a tese darwiniana de que o Homem descende do macaco, mas acho que Deus criou a mulher.» (p. 37). A argumentação é inteligente, bem-humorada e inesperada. Em «Primatas», partindo do comentário de um filme protagonizado por Sigourney («o nome, se me permitem um entreparênteses confessional, que eu adotaria se fosse travesti»), p. 43) Weaver, o autor apresenta como prova o facto de as mulheres serem melhores primatólogas, o que justifica do seguinte modo: «É que, durante toda a sua história, elas não fizeram outra coisa senão cuidar de macacos. Sua paciência se desenvolveu com a necessidade de esperar que o homem passasse por suas várias fases, de bicho a hominídeo até poder ficar bem num *smoking*» (p. 44). A transformação acelerada dos costumes e as inovações proporcionadas pelo desenvolvimento tecnológico constituem outro campo para o comentário de Luis Fernando Veríssimo. Vejamos apenas três exemplos. Em «Códigos», o tema é a evolução da sinalética amorosa, da pinta ao leque e deste às mensagens nas *t-shirts*: «Muitos anos depois, a Bel explicou para a sua bisavó Margarida que a fatia de *pizza* impressa na sua camiseta com «Me come» escrito em cima não queria dizer nada, mas que algumas das suas amigas usavam a camiseta sem a fatia de *pizza*» (p. 23). «Tesouro» apresenta dois velhos sátiros, comentando as vantagens dos tempos que correm: não só as menininhas são mais desinibidas, como pertencem à «primeira geração brasileira em muitos anos a passar pela puberdade sem ler Vinicius de Moraes» (p. 84), o que permite continuar a usar as frases do poeta, mas sem o

intermediário, até porque «Qualquer vocabulário com mais de 17 palavras deixa elas extasiadas. As que não admiram a poesia, admiram a prolixidade.» (p. 84). Os implantes mamários são o pretexto para a curiosa reflexão apresentada em «Seios e Rembrandts», cujo ponto de partida é uma notícia: «Recentemente uma celebridade reagiu à ideia de que seus seios não eram seus dizendo que tinha pagado por eles, e, portanto, eram mais seus que os originais.» (p. 29). Subscrevendo o ponto de vista, Veríssimo começa por fazer um irónico comentário filosófico: «as mulheres (de todos os sexos) resolveram a velha questão, que vinha desde Santo Agostinho, entre Ser um corpo e Ter um corpo. O corpo passou a ser definitivamente uma posse: você não apenas o tem como pode mostrar a fatura.» (p. 29) A reflexão segue depois outros caminhos, terminando com uma aplicação à pintura, convocada no título: «Se todos sabem que os seios admirados são falsos, e eles são admirados como falsificações, o conceito de autenticidade não está banido do mundo, inclusive para a avaliação de Rembrandts?» (p. 30). Mas o prazer da leitura de Luis Fernando Veríssimo não decorre apenas dessa capacidade de escolher temas, motivos e ângulos de análise vivos, argutos, estimulantes. Tem a ver também com o uso despretenhoso de uma linguagem que, sendo coloquial, manifesta, sobretudo nos pequenos pormenores, a mesma inventividade e a mesma plasticidade, quase sempre ao serviço da ironia. O alvo pode ser a própria língua, com as suas frases feitas, por exemplo «despir a mulher com os olhos» encarado como uma das formas de sexo à distância: «Isto não é tão fácil quanto parece, principalmente se a mulher estiver usando um daqueles sutiãs presos atrás (...) Outro

vergo é o homem, depois de respirar a mulher com os olhos, começar a lacrimejar descontroladamente, o que equivale à ejaculação precoce no sexo convencional.» (p. 21). Ou a utilização de um verbo como "soerguer-se": «(Nota pessoal do autor: sempre gostei muito de "soerguer-se", mas tive poucas chances de usá-lo. Agradeço a oportunidade. Um abraço nos meus familiares. Segue a história.)» (p. 127). Mas pode ser também a simples tomada à letra de um termo técnico e aparentemente neutro como "erétil": «O Viagra é o grande símbolo do homem sobre os seus sistemas e tecidos, eréteis ou não.» (p. 128). Pode ser ainda uma espécie de imagem, absolutamente inesperada,

como neste conselho, ainda a propósito da impotência: «Certifique-se de que a causa do fracasso não é psicossomática, como uma identificação subliminar sua com a política energética do governo.» (p. 137). São casos como o de Luís Fernando Veríssimo que nos obrigam a rever a definição, tantas vezes citada, de Machado de Assis, que dava o cronista como a admirável fusão do útil e do fútil. Fútil não é certamente quem é capaz de nos mostrar – ainda por cima sob um ângulo inteligente, informado e bem-humorado – a importância de coisas do quotidiano em que tenderíamos a não reparar. Por outro lado, mesmo havendo nisso alguma utilidade, também o termo "útil" parece desajustado:

Veríssimo torna todas as cautelas para evitar que o leitor o leve demasiado a sério e o tome como seu guia. (Termino com uma observação parentética sobre a ortografia. Nos últimos tempos, preparando talvez a entrada em vigor do acordo ortográfico, generalizou-se em Portugal a publicação de obras brasileiras na ortografia original. A opção é discutível, sobretudo se feita sem anúncio explícito, como é o caso, ou se pensarmos que algumas das obras portuguesas editadas do outro lado do Atlântico tiveram de ser objecto de uma espécie de tradução. Pior que isso é a oscilação de critérios, que se verifica nesta edição da Dom Quixote.)

Francisco Topa

LUÍZ RUFFATO (Org.)

25 Mulheres que estão fazendo a Nova Literatura Brasileira

Rio de Janeiro, Editora Record, 2004

Luiz Ruffato, autor do romance *eles eram muitos cavalos* (2001), surge agora como organizador de uma compilação de contos consagrados à mulher, escritos pela mão feminina contemporânea. Embora nos encontremos em pleno século XXI, há ainda, no panorama literário, a necessidade da publicação de uma antologia de contos intitulada "25 mulheres que estão fazendo a nova literatura brasileira"; o facto de, nos nossos dias, surgir um livro reclamando o lugar da mulher, na literatura, como escritora, dá que pensar. Conhecendo as dificuldades que as mulheres encontram no seu percurso literário, é, de facto, desprezível a denominação de "literatura feminina", que coloca "esta" literatura numa posição inferior. Surge, desde sempre, a questão da literatura escrita por mulheres se movimentar dificilmente num mundo onde a tradição foi

estabelecida por autores masculinos; no universo da ficção, as mulheres tentam então encontrar o seu lugar e mostrar a qualidade da sua escrita, não descurando as características do género a que pertencem, nem ignorando o modo como as diferentes experiências se materializam, sendo elas descritas por mulheres ou por homens. Seria de se esperar que o facto de a literatura ser escrita por mulheres ou por homens não tivesse a mínima importância nem fosse digno de registo. Mas a realidade é bem diferente. Essa diferenciação é feita, seja ela por motivos temáticos ou de estilo, ou até pela constatação de que é ausente; e, analisando os contos neste livro inseridos, podemos verificar ambos os casos: tanto nos deparamos com contos qualificados como "literatura feminina", marcados por características que nunca encontramos numa literatura expressa

masculina, como vemos outros onde esta distinção não existe, sendo estes perfeitamente universais no que diz respeito à ausência de identificação do género que lhes deu origem. No vasto leque de autoras desta antologia temos escritoras de várias faixas etárias, de diferente formação, e cidadãs de inúmeras cidades brasileiras. Assim, no que diz respeito às nascidas antes de 1970, vemos Luci Collin (Professora de Literatura Inglesa), Cecília Costa (Jornalista), Augusta Faro (Mestre em Literatura e Linguística), Guiomar de Grammont (Escritora, Dramaturga e Professora de Filosofia), Ivana Arruda Leite (Socióloga), Adriana Lunardi (Roteirista de televisão), Cíntia Moscovitch (Jornalista), Nilza Rezende (Escritora), Heloisa Seixas (Jornalista), Rosa Arminda Strausz (Jornalista) e Cláudia Tajés (Publicitária). Relativamente a autoras mais jovens, nascidas depois de 1970, a sua